
O DISCURSO SOBRE O FRACASSO ESCOLAR ENTRE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA: ENTRE A IMPOTÊNCIA E A IMPOSSIBILIDADE

THE DISCOURSE ON SCHOOL FAILURE BETWEEN TEACHERS OF BASIC EDUCATION: BETWEEN IMPOTENCE AND IMPOSSIBILITY

Cássio Eduardo Soares Miranda

Minicurrículo

Professor da Graduação em Pedagogia e Pós-Graduação em Saúde e Comunidade, da Universidade Federal do Piauí – UFPI. Doutor em Linguística e em Psicologia. Coordenador do Núcleo Interdisciplinar de Psicanálise Educação e Contemporaneidade. Subchefe do Departamento de Fundamentos da Educação – CCE. Diretor Científico da Coleção “Saúde e Comunidade” da Editora Prismas. E-mail: cassioufpi@gmail.com

Milena de Fátima Nascimento Alvarenga

Minicurrículo

Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal do Piauí. Aluna do Programa de Iniciação Científica Voluntária (2015,2016). Pesquisou a questão do enfrentamento de professores pelo fracasso escolar nas escolas públicas de Teresina. Atualmente faz pesquisas relacionadas à violência na escola e seus efeitos educacionais e subjetivos. E-mail: milenadep@hotmai.com

RESUMO

Este artigo apresenta o discurso dos professores da Educação Básica sobre o fracasso escolar bem como as formas de enfrentamento do fenômeno nas escolas públicas de Teresina. Analisa

O DISCURSO SOBRE O FRACASSO ESCOLAR ENTRE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA: ENTRE A IMPOTÊNCIA E A IMPOSSIBILIDADE

o discurso dos professores acerca das diversas formas de se reduzir o fracasso e verifica a existência de práticas de inclusão na ação do professor. Trata-se de uma pesquisa qualitativa de natureza exploratória. Como instrumento de coleta de dados, foram realizadas observações não-participativas e entrevistas semiestruturadas, gravadas e individuais, com os professores das escolas envolvidas. Participaram da pesquisa quatro professoras que lecionam do 2º ao 3º ano do ensino fundamental em escolas públicas da zona sudeste de Teresina. Diante dos resultados, verificou-se que os professores estão mais preocupados em encontrar o agente produtor do fracasso do que solucioná-lo. Os professores relatam que são influenciados pelo desânimo ao perceber que seu trabalho não tem continuação fora da escola. Ao assumir uma prática negligente o professor pode propiciar a permanência do fracasso na escola e do peso da rotulação entre os alunos. Para investigar a posição ocupada pelo professor, recorreu-se aos conceitos psicanalíticos de Impotência e Impossibilidade.

Palavras-chave: Fracasso escolar; professor; enfrentamento; posição discursiva.

ABSTRACT

This research presents the Basics Education teachers discourse about school failure as well as the ways of coping with the phenomenon in Teresina public schools. analyzes the teachers' discourse about the different ways of reducing failure and verifies the existence of practices of inclusion in the action of the teacher. This is a qualitative exploratory research. As an instrument of data collection, non-participatory observations and semi-structured, recorded and individual interviews were carried out with the teachers of the schools involved. The study included four female teachers who teach from the 2nd to the 3rd year of primary education in public schools in the southeast of Teresina. Faced with the results, it was found that teachers are more concerned with finding the agent that produces the failure than solving it. Teachers report that they are influenced by discouragement when realizing that their work has no continuation outside of school. In assuming a negligent practice, the teacher can provide the permanence of failure in school and the weight of the lettering among the students. To investigate the position occupied by the teacher, we used the psychoanalytic concepts of Impotence and Impossibility.

Keywords: School failure; teacher; coping; discursive position.

INTRODUÇÃO

De acordo com psicólogos, psicanalistas e psiquiatras, cerca de 80% das crianças são encaminhadas às consultas através de uma demanda escolar, ou, de um modo geral, com dificuldades na aprendizagem, exemplificadas com repetências, dificuldade de concentração, falta de raciocínio lógico, troca de letras, dificuldades nos cálculos, dentre tantos outros. Em um levantamento realizado na cidade de São Paulo, em 1997, só na região Sudeste daquele município, em oito Unidades Básicas de Saúde, “foi obtido como resultado que 70% dos encaminhamentos feitos para atendimento psicológico, na faixa etária de 5 e 14 anos, tinham como queixa problemas de escolarização. Estas dificuldades foram identificadas como problemas de aprendizagem (50%) e problemas de comportamento (21%) na sala de aula e fora dela” (MRECH, 1999). O fracasso escolar, com suas múltiplas variações, tem se constituído como um fenômeno da contemporaneidade, atingindo um número expressivo de crianças e jovens, caracterizando-se como um desafio a ser enfrentado pelas políticas públicas (MIRANDA, 2015). Nesse sentido,

surgiram muitas discussões em torno dessa problemática, na visão que escola, família e aluno tem a respeito de seu agente causador.

De acordo com o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) no Brasil passou de 3,8 em 2005, para 5,5 em 2015, superando as metas estipuladas para os anos iniciais do ensino fundamental. Apesar dos índices demonstrarem avanço na Educação Básica, o cotidiano do ensino público apresenta outra realidade, vinculada às dificuldades do ensino e aprendizagem.

Ao assumir presença nas escolas, o fracasso escolar passa a fazer parte do cotidiano de crianças e jovens que vivenciam na escola um ambiente de segregação em função de sua nomeação como fracassados. Dessa forma, o desânimo passa a se fazer presente frente ao insucesso de aprendizagem. Assim, o fracasso escolar torna-se um desafio para a educação atual. Diante desta problemática, alguns autores como Maluf e Bardelli (1991), Asbahr e Lopes (2006) articulam em seus estudos sobre a produção do fracasso escolar e a visão que professores e alunos têm uns dos outros. Porém, pouco é explorado a respeito dos mecanismos utilizados pelos professores para enfrentar a referida temática, assunto este abordado nesta pesquisa.

O presente estudo, embora de forma ensaística, refere-se à uma investigação em torno das formas de enfrentamento do fracasso escolar nas escolas públicas no município de Teresina, Piauí. Investiga junto a professores das escolas dos anos iniciais do Ensino Fundamental, os modos de enfrentamento do fracasso escolar. Trata-se de uma pesquisa que analisa o discurso dos professores acerca das diversas formas de se reduzir o fracasso na escola, verificando a existência de práticas de inclusão em seus discursos e nas práticas escolares.

A pesquisa apresentada neste artigo ocorreu no âmbito do Programa de Iniciação Científica Voluntária da Universidade Federal do Piauí e faz parte do projeto de pesquisa “Fracasso Escolar: Saberes e Práticas de Inclusão”, que durante 2015 e 2016 promoveu estudos que verificaram os saberes construídos pela comunidade escolar sobre as dificuldades de aprendizagem, analisando os discursos dos professores acerca do fracasso escolar, bem como suas estratégias de enfrentamento.

O FRACASSO ESCOLAR COMO OBJETO DE ESTUDO

Pedagogos e professores testificam que o fracasso escolar, em suas variadas acepções, é uma constante na escola e se tem constituído um desafio para a educação atual. Para a psicanálise, esse fenômeno reveste-se de um aspecto acentuado do mundo contemporâneo: a segregação. Assim, constata-se a presença entre crianças e jovens na idade de escolarização, o desânimo que se produz frente ao insucesso das aprendizagens escolares, o que gera um sentimento de impotência para aprender, dando lugar a vários sintomas, dentre eles a violência. Segundo Santiago, a cada ano, “mais de 55% das crianças brasileiras que usufruem da educação básica são impedidas de dar prosseguimento ao percurso normal no exercício desse direito do cidadão contemporâneo” (SANTIAGO, 2005, p.20). Por outro lado, essa autora argumenta que os índices servem para escamotear a problemática das desigualdades sociais, econômicas, de gênero e cor no Brasil. No entanto, longe de apostar em uma saída sociológica apenas, ela defende que há uma inoperância nas diversas estratégias de adaptação escolar e, assim, pensar em uma política de inclusão é pensar, antes de tudo em uma escola que acolha o sujeito, com sua diferença, e saiba fazer um bom uso dessas diferenças. Por outro lado, professores e técnicos, do Ensino Fundamental persistem em enumerar a ampla quantidade de crianças que fracassam em suas escolas, apesar da implementação de variadas políticas públicas e intervenções pedagógicas no intuito de enfrentar o problema. A contemporaneidade tem provocado no homem inúmeros sentimentos de desânimo e mal-estar que surgem a partir das transformações dos laços sociais. Na perspectiva de Cohen

O DISCURSO SOBRE O FRACASSO ESCOLAR ENTRE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA: ENTRE A IMPOTÊNCIA E A IMPOSSIBILIDADE

(2004), a contemporaneidade ocasionou o surgimento de várias patologias, desencadeadas pela constante preocupação com o “futuro”, que com o passar do tempo, provoca sentimentos de angústia no homem. Desse modo, as transformações sociais assumem um caráter questionador em relação às mudanças também ocorridas no ambiente escolar. O fracasso escolar seria um sintoma dos novos laços sociais?

Segundo Cohen (2004, p. 264), o fracasso escolar, como sintoma da contemporaneidade pode caracterizar-se como

[...] esse algo que não funciona, que impede a aprendizagem, que se mantém e se repete como sintoma, pode ser fruto de um mau encontro, um encontro traumático com as demandas irrespondíveis da educação, encarnadas por seus representantes, chamados de os “Outros”: família, escola e Estado.

O fracasso escolar como “algo que não funciona” e que impede o sucesso da aprendizagem é recorrente no cenário escolar, caracterizando-se como um sintoma e um dos principais modos de sofrimento contemporâneo. Nesse sentido, as transformações sociais também se refletem no Sistema Educacional. A escola está totalmente vinculada à sociedade e às suas mudanças. O que ocasiona o fracasso escolar não deve estar associado somente aos educandos, mas está muito mais além dos jovens e crianças, uma vez que pode estar inscrito no campo das políticas educacionais, na dimensão transferencial presente no laço entre professor e aluno, na dinâmica familiar, dentre tantas outras possibilidades.

Ao persistir em imputar somente à criança a responsabilidade pela produção do fracasso escolar, o cenário atual da escola, apresenta dificuldades em lidar com os alunos fora do “padrão” exigido de “aluno nota 10”. Ao invés de garantir a aprendizagem do educando, a escola o intitula como fracassado e são esses alunos que muitas vezes fazem parte das estatísticas de evasão e repetência. Quando optam por continuar na escola, mesmo inclusos no Sistema, fazem parte dos excluídos, os alunos fracassados que não geram expectativas de êxito entre os professores (ALENCAR, 2007).

Decerto, não existe um único responsável pelo fracasso escolar – ou conforme citado por Cohen (2004) em “A lógica indecível do fracasso escolar” –, podendo ser constatado através das causas provenientes tanto do âmbito escolar, familiar ou de fatores subjetivos do aluno. Todavia, é possível verificar a concepção presente na sociedade de que as crianças são responsáveis por suas dificuldades escolares. É evidente que para a superação dessa problemática exista empenho e interação entre família e escola, retirando da criança o peso da rotulação, tornando a aprendizagem mais produtiva e prazerosa para o aluno (SIRINO; CUNHA, 2002)

Falar sobre fracasso escolar é repensar os estigmas existentes nas representações contemporâneas sobre o “aluno problema”. Como foi dito anteriormente, estudos elaborados sobre esta temática pretendem encontrar o agente produtor do fracasso escolar – como as pesquisas produzidas por Maluf e Bardelli (1991); Asbahr e Lopes (2006) – constatando um consenso entre as falas da escola e família que culpabilizam o próprio aluno por seu baixo rendimento na escola.

De acordo com Sirino e Cunha (2002), para compreender os efeitos produzidos pelo fracasso escolar é necessário investigar a partir do ponto de vista do aluno. Em seus estudos a autora constata que um desses efeitos é “[...] um sentimento ambivalente em relação à escola, sendo este objeto de ódio e desejo. A escola é objeto de temor. Temor este proveniente de uma história escolar marcada por mecanismos de segregação, punição e desrespeito à subjetividade e ao saber do aluno.” (SIRINO; CUNHA, 2002, p.11). Nesse aspecto faz-se necessário compreender a realidade vivenciada pela criança, possibilitando encontrar os efeitos que o estigma de “fracassado” geram

em sua subjetividade, para que a partir daí, possam ser buscadas soluções referentes aos impasses na aprendizagem.

É pertinente perceber o fracasso escolar como um fator que não está associado apenas ao aluno. Asbahr e Lopes (2006) comentam que os professores tendem a vincular o fracasso escolar a problemas ligados à família ou ao aluno, limitando-se a causas de cunho biológico, familiar, cultural e emocional, negligenciando a considerável participação da escola/professor no processo de aprendizagem. A escola/professor persiste no discurso de responsabilizar o aluno associando o fracasso escolar a características cognitivas ou de personalidade. Porém, de acordo com Maluf e Bardelli (1991) os alunos, ao relatarem sobre o fracasso, apontam causas associadas à escola: à dificuldade de compreender os conteúdos, considerados difíceis e às características da prática da professora que dificultam a aprendizagem. Neste aspecto, os resultados demonstram divergências entre as representações que professores e alunos tem a respeito das causas do fracasso escolar.

O papel primordial da escola é garantir a aprendizagem e permanência do estudante. No entanto, em muitas situações a escola torna-se um local onde constantemente são construídas histórias de fracasso. Alencar (2007) enfatiza que os professores reforçam as ideias negativas que os alunos têm de si mesmo, fazendo com que a criança assuma os rótulos direcionado a ela. A escola é um local de trocas de conhecimento e a educação é, sem sombra de dúvidas, um processo social. É importante que os professores percebam isso e entendam a importância da construção de relações entre aluno e professor, relações estas que podem garantir ou não a aprendizagem.

Durante a prática, o professor da criança tida como “aluno problema”, passa a se sentir angustiado e insatisfeito pôr não alcançar os objetivos esperados. Para compreender como isso acontece, podemos elencar alguns conceitos psicanalíticos. Antes da psicanálise, Kant (1999, p. 447) já admoestava sobre a profissão difícilíssima de ser exercida: ser professor. “Entre as descobertas humanas há duas difícilíssimas, e são: a arte de governar os homens e a arte da educa-los.” Em qual sentido seria tão difícil educar? Para compreender esta declaração de Kant e sua aplicação ao nosso contexto, abordaremos dois conceitos psicanalíticos: Impossibilidade e Impotência. A impossibilidade, caracteriza-se como o irrealizável, o que não tem possibilidade. É o impossível de suportar. Diante do impossível o professor tenta dar conta do ofício difícilíssimo, mas muitas vezes não consegue encontrar respostas. Em contrapartida, a impotência é o não poder praticar ou o não-ato. Que aparece quando o sujeito, marcado pela frustração, em não atingir suas intenções e objetivos planejados, encontra-se em um cenário de angústia, sem saber o que fazer (a própria impotência) gerada pelo “sentimento de insuficiência diante do qual não há mesmo (em seu discurso) condição de se fazer nada” (PEREIRA, 2013, p. 487).

Do ponto de vista psicanalítico, as ações do professor podem afetar sentimentos e expectativas do aluno. Por esse motivo o professor deve ter uma prática reflexiva, pois suas ações estão diretamente ligadas a competência que o professor tem para lidar consigo mesmo (FRANCO & ALBUQUERQUE, 2010). Conforme Pereira (2013), não existe uma garantia do sucesso no ato de educar. A psicanálise entende o ato de educar como algo “impossível”.

A psicanálise entende que é impossível que o ato de educar garanta um desempenho elevado e regular dos gestos profissionais; que a noção de competência é bastante vacilante para se fixar como razão; que o fracasso do empreendimento educativo é sempre constitutivo; que toda racionalidade técnica e metodológica não é capaz de excluir nem o erro nem o insucesso (PEREIRA, 2013, p. 02).

A educação tem seu traço de impossibilidade, causando no professor angústia, por não saber lidar com suas incertezas, apatias e desinteresse dos alunos. “É como se o professor se sentisse paralisado [...] ter de lidar com os desvios, os modos estranhos de aprender, a experiência chocante da agressividade e da sexualidade; e dissesse: não tem jeito: diante disso me sinto

O DISCURSO SOBRE O FRACASSO ESCOLAR ENTRE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA: ENTRE A IMPOTÊNCIA E A IMPOSSIBILIDADE

impotente” (PEREIRA, 2013, p. 02). A angústia gerada nos professores por não saber lidar com o fracasso traz efeitos para sua prática e essas tensões refletem no ensino, na escola e na própria ação do professor (COHEN, 2013).

Nesta perspectiva, o impossível – instaurado pelo mal-estar na civilização – se faz presente no cotidiano da ação docente, por se caracterizar como uma profissão marcada por incertezas, representadas na própria subjetividade de cada aluno (PEREIRA, 2013). Ser professor não é reduzir sua prática à regras pré-determinadas. Mas, no cotidiano, a realidade vivenciada pelo professor é de uma classe com tipos de alunados diferentes, com jovens e crianças indisciplinados dividindo a sala com os alunos estudiosos. Situações em que o professor não sabe como agir, situações marcadas pela incerteza, onde existe a prática da violência, agressividade, desinteresse com os estudos ou até mesmo o fracasso escolar. Frente a estas situações – da imprecisão do seu ofício – encontra-se a evidência dos conceitos psicanalíticos aqui abordados pertinentes à educação. O confronto da impossibilidade e impotência na ação docente (PEREIRA, 2013).

A psicanálise afirma que a ação educativa de fato é árdua. Que pode ser “impossível” por existir sempre a incerteza do erro ou acerto. Mas que ao se deparar com essas dificuldades os professores não conseguem, por muitas vezes, responder de forma positiva, acarretando em angústias e desinteresse na profissão.

Um professor, na realidade, vive essa angústia sob o signo da impotência ao estar diante das incertezas de seu ato[...]da apatia e do desinteresse discentes, além de estar diante de sujeitos em sua pura diferença, tendo que exercitar o legítimo imperativo social de fazê-los incluídos. É como se o professor se sentisse paralisado[...]; e dissesse: não tem jeito: diante disso me sinto impotente (PEREIRA, 2013, p.02).

A psicanálise entende que o fracasso escolar pode aparecer como resultado do “impossível” e do necessário na educação. Sabemos que, se tratando de educação, a impossibilidade sempre se fará presente. Porém o desafio é não criar uma barreira frente a impossibilidade (COHEN, 2004). Nesta perspectiva, discutiremos as estratégias de enfrentamento do fracasso escolar pelos professores, afim de localizar em seus discursos suas angústias e incertezas da profissão.

OS CAMINHOS DA PESQUISA: MÉTODOS UTILIZADOS

Os estudos aqui apresentados possibilitam encontrar na ação do professor um elemento chave para a compreensão e solução do fracasso na escola. Para isso, esta pesquisa buscou investigar a participação do professor no processo de enfrentamento do fracasso escolar, ou seja, as estratégias que os professores utilizam como tentativa de reduzir os impasses encontrados pelas crianças frente a seu processo de aquisição do conhecimento

Trata-se de uma pesquisa qualitativa de natureza exploratória. Este tipo de pesquisa “considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números” (KAUARK et al, 2010, p. 26). A pesquisa exploratória é importante para esta investigação por ter como finalidade a familiarização do pesquisador com a temática a ser trabalhada, possibilitando à pesquisa elaboração de revisão de literatura com o intuito de mensurar a disponibilidade de material que subsidiará o objeto de estudo (KAUARK et al, 2010).

Como instrumento de coleta de dados, foram realizadas observações da rotina de aula dos professores participantes da pesquisa. Após a autorização do professor, cada turma foi observada em média 4 horas durante 3 a 5 dias. As observações eram de cunho não participativa, onde

o pesquisador encontra-se fora da realidade pesquisada, a fim de não interferir nas ações dos sujeitos da pesquisa (KAUARK et al, 2010). Depois das observações foram realizadas entrevistas, semiestruturadas, gravadas e individuais, com os professores das escolas envolvidas, para posterior análise. Fazia parte de sua estrutura perguntas norteadoras, cuja finalidade foi a coleta de dados que apontassem para o discurso acerca dos modos de enfrentamento do fracasso escolar, bem como as estratégias utilizadas para o enfrentamento da referida situação.

Em Teresina, o nível de aprendizado referente à matemática é de 29% nas escolas estaduais e 51% nas escolas municipais. Na disciplina de Português, o nível de aprendizado é de 49% nas escolas estaduais e 63% em escolas do município (Dados relacionados à Prova Brasil 2015/INEP. Q.Edu). Os dados apresentados, apontam que, apesar do IDEB das escolas atingirem um bom índice, muitos alunos não têm êxito quanto ao aprendizado no ensino municipal/estadual. Por esse motivo, a pesquisa aconteceu com duas escolas municipais e uma escola estadual. As escolas estão situadas no Bairro Itararé e Comprida, localizadas na zona sudeste de Teresina, Piauí. As professoras que participaram de nossa pesquisa ministram aulas entre o 2º e 3º ano do Ensino Fundamental.

AS ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO DO FRACASSO ESCOLAR PELAS PROFESSORAS DAS ESCOLAS PESQUISADAS

As professoras envolvidas na pesquisa tiveram suas aulas observadas por 4 dias, onde a pesquisadora permanecia do início até o término de cada turno. O instrumento de *observação não participativa*, foi utilizado nesta pesquisa por possibilitar o não envolvimento do pesquisador nas situações cotidianas em sala de aula. Em outras palavras, o pesquisador assume o papel espectador (LAKATOS; MARCONI, 2003).

As observações, realizadas na classe de cada professora, oportunizaram a análise dos dados e a construção da entrevista, ou seja, confrontar o discurso com a prática das professoras, com o intuito de identificar – através das observações – as estratégias de enfrentar o fracasso escolar, e se estas estratégias estavam associadas à promoção da inclusão e da redução do fracasso na escola.

Para possibilitar um olhar crítico e reflexivo diante de cada relato, os resultados desta pesquisa serão apresentados em forma de fragmentos de casos, onde cada professora será indicada por nomes fictícios. Ao utilizar a apresentação dos relatos em forma de caso é possível compreender e refletir sobre a prática docente apresentada. Segundo Zanetti e Kupfer (2006) o relato de casos é um tipo de processo que requer a construção de um enigma, ou seja, o encadeamento das ideias, sentimentos e reflexões a respeito do caso, configuração conveniente a esta pesquisa.

Ao relatar um caso, se faz presente, a possibilidade de sua teorização. Uma investigação que possibilite a construção teórica (ZANETTI; KUPFER, 2006). Neste sentido, Franke e Silva (2012) afirmam que relatar um caso é transformá-lo em teoria a partir da escolha dos principais aspectos do relato para o seu entendimento. É importante evidenciar a ética do pesquisador na transcrição do relato, tornando o caso cada vez mais próximo da teoria por capturar seus princípios norteadores e veracidade.

Relato dos casos:

Caso 1- O fracasso da família: Professora Adriana

A primeira instituição incluída na pesquisa é uma Escola Municipal que atende alunos do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental, funcionando no turno manhã e tarde. Frequentemente a

O DISCURSO SOBRE O FRACASSO ESCOLAR ENTRE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA: ENTRE A IMPOTÊNCIA E A IMPOSSIBILIDADE

direção da escola recebe queixas da professora incluída na pesquisa em detrimento das dificuldades de aprendizagem de seus alunos, precisamente na leitura e escrita. A turma envolvida na pesquisa encontra-se no 2º ano e é composta por 26 alunos. Esta instituição oferta, apenas, os anos iniciais do ensino fundamental. Por esse motivo, esta escola não apresenta cálculo do IDEB.

A referida professora está há 10 anos atuando na profissão docente e há 6 anos vinculada à instituição pesquisada. No período de observação das aulas ministradas pela professora, pôde ser visto o desenvolvimento de uma aula na qual os alunos não tinham espaço para participar. As aulas seguiam com a leitura de textos do livro didático e exercício de fixação. Os alunos com maior dificuldade na leitura e escrita não recebiam maior acompanhamento da professora, que por sua vez, já sabia que eles não fariam a atividade exigida por não saber escrever.

Quando a turma se demonstrava dispersa da aula, a professora utilizava ameaças e castigos para que os alunos voltassem sua atenção ao texto. Os castigos eram feitos aos alunos mais indisciplinados, onde a professora os deixava de pé em frente ao quadro acrílico por cerca de uma hora. As ameaças que a professora utilizava deixavam os alunos assustados e frequentemente exaltava o tom de voz para atrair a atenção dos alunos.

Durante a entrevista a professora Adriana relata que a dificuldade de seus alunos não seria um “fracasso escolar”, mas um problema derivado da falta de acompanhamento que possibilitem o desenvolvimento de habilidades como continuação do trabalho feito em sala de aula. Em razão disso, a professora indica à família como precursora do fracasso escolar.

Em suas práticas, a professora relata que no início do ano letivo faz a convocação dos pais, porém, boa parte deles não comparecem às reuniões, deixando de se comprometer com a escola e com a educação destas crianças.

A professora afirma que se sente desmotivada e que de certa forma o seu trabalho é em vão, pois essas crianças não serão acompanhadas em casa.

Na semana que eu tô bacana... empolgada com eles, a gente faz leitura, a gente faz tudo e eu não consigo me desanimar com aqueles que ainda não conseguem. Só que tem dias que você faz tudo, tenta e aí bate aquela tristeza: Meu Deus eu fiz tudo isso e ainda tá do mesmo jeito! E isso é aquela coisa do ponto que te maltrata. Tu tenta, tenta, tenta. Faz tudo do jeito que é pra ser e não sai do lugar, certas crianças (Profa. Adriana).

A professora vivencia frequentemente um ciclo de desmotivação, ou seja, anima-se em dar novos conteúdos aos alunos e desmotiva-se ao perceber que eles não estão aprendendo. No primeiro momento do ciclo a professora afirma que as crianças percebem sua empolgação e que respondem de forma positiva às aulas. Mas quando ela está desmotivada o rendimento da aula diminui. Porém, em todo o seu discurso, a professora aponta a família como o principal agente causador do fracasso escolar.

Em casa não existe o momento de sentar e estudar... nós tentamos trabalhar na escola a leitura compartilhada. O aluno levava um livro pra casa e lia com os pais. Porém, a maioria dos alunos chegavam na aula dizendo o pai não quis ler com ele. O aluno precisa ter esse suporte da família. Por que a gente faz a nossa parte, mas e a família? O aluno passa mais tempo onde? A família não aparece na escola pra saber de nada... então não tenho mais o que fazer (Profa. Adriana).

Não existe a rotina, a família não tem o momento da tarefa com a criança. Quando a gente consegue conversar com algum pai eu vejo que ele percebe a pressão. Por isso que eles demoram a aparecer na escola. Eles já tem noção do que está faltando na educação do filho, eles não querem é praticar (Profa. Adriana).

Apesar de suas aulas serem desmotivadas e existir um sentimento constante de abandonar a profissão, a professora afirma que é somente com o acompanhamento da família que as crianças podem desenvolver suas habilidades.

Eu jogo a toalha... você se esforça e não vê a contrapartida. Pro pai poder vir até a escola a gente tem que inventar uma transferência, dizer que se o pai não vier a gente vai transferir o aluno porque não tem acompanhamento. Aí na mesma hora o pai aparece, querendo todos os direitos, e ele vem só te agredir, falando que sabe que o filho precisa estar na escola. Mas a família só aparece nessas horas. E cadê o seu papel? O que você está fazendo pro seu filho continuar na escola? (Profa. Adriana).

Em virtude da falta de acompanhamento familiar a professora se exime de suas responsabilidades de atrair e incentivar esses alunos à aula. Ou seja, ao saber que a família não incentiva e acompanha o aluno, a professora não se empenha, agindo com displicência por acreditar que se dedicar na educação de seus alunos não surtirá efeitos positivos.

Caso 2 - O fracasso do sistema municipal e da família: Professora Carol

Na segunda Escola Municipal participante da pesquisa apresenta o IDEB de 6,4. Nesta instituição a comunidade tem acesso a turmas do 1º ao 5º ano, funcionando nos turnos manhã e tarde, disponibilizando aos alunos matriculados um reforço no contra-turno de aula. A direção da escola indicou a turma do 3º ano manhã para a participação da pesquisa. A referida turma tem o total de 23 alunos. A professora desta turma exerce sua profissão há 8 anos e está há 5 anos na escola pesquisada.

No cotidiano da sala de aula a professora demonstra não ter domínio de turma e em muitas vezes pede para alguns alunos se retirarem da aula e ficar no pátio da escola, para que assim ela consiga ministrar a aula.

No início da entrevista a professora Carol relata que não se sente bem em trabalhar com essa turma, pois ela acredita não ter habilidades para alfabetizar e boa parte dos alunos vem com dificuldades de leitura e escrita que não foram solucionadas nos anos anteriores. A professora acredita que as dificuldades desses alunos são provenientes da estrutura do sistema municipal que não reprova os alunos nos anos iniciais do Ensino Fundamental, sendo que, o aluno só é retido a partir do 3º ano.

O ciclo de dificuldades do aluno continua, porque a escola não reprova. Aí a família e o aluno descansa, porque sabe que não vai acontecer nada. A secretaria não reprova e tem professor que não faz um trabalho bem feito. Fica até complicado, porque o aluno já vem com o nível fraco. E os pais só se interessam em ensinar os filhos quando diz que aquela série vai reprovar o aluno, aí eles tem essa preocupação do aluno ser aprovado. A gente vê que a família desses alunos com fracasso escolar é ausente. É um problema do sistema e da família (Profa. Carol).

A professora acredita que esse modelo de estrutura educacional possibilita que a família se acomode por saber que o seu filho não vai reprovar, ocasionando pouco empenho familiar por não ter medo de reprovação. Em seu relato a professora afirma que para solucionar o fracasso escolar deve acontecer uma reformulação no modelo proposto pelo sistema. “Eu acho que tem que ser feito um trabalho lá no 1º e 2º ano, em primeiro lugar. Eu não sei o porquê que esses alunos vieram sem saber ler. Mas, eu acho que não teve tanto compromisso” (Profa. Carol).

O DISCURSO SOBRE O FRACASSO ESCOLAR ENTRE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA: ENTRE A IMPOTÊNCIA E A IMPOSSIBILIDADE

Diante desses impasses, a pedagoga da escola sugeriu à professora que em determinados momentos da aula trouxesse os alunos com déficits de leitura e escrita até sua e mesa e os orientasse individualmente. Porém, a professora diz que isso nunca deu certo em sua sala de aula, pois é impossível atender individualmente esses alunos sem deixar a turma dispersa. Ela afirma que entende que é necessário ensinar de acordo com a especificidade de cada aluno, mas com apenas uma professora em sala de aula essa tarefa se torna impossível.

Uma das queixas presentes no discurso da professora Carol, é o fato do curso de pedagogia ser muito fantasioso. “Porque eles pintam a sala de aula... o fracasso escolar... como se tudo tivesse jeito. E quando a gente vai ver a realidade a gente fica amarrado. Porque não tem apoio da família, do sistema e as vezes dá escola” (Profa. Carol).

O confronto do imaginário com a realidade, afirma a professora, traz uma desmotivação, ocasionando uma ação pedagógica desestimulada sem atrativos para os alunos. Muitas atividades em classe não têm aproveitamento porque alguns alunos têm dificuldade na leitura. Para a professora, esse é um dos motivos que torna a aula monótona e sem inovação. Pois antes de aplicar uma atividade diferente, a professora deduz que ela não terá êxito.

A professora também diz que se sente triste pelo desinteresse não só da família, mas dos próprios alunos que são indisciplinados em sala de aula, refletindo numa prática docente desmotivada, onde aluno e professor pedem amparo, um para o sistema e o outro para a família, porém sem receber o apoio necessário.

Eu me sinto triste. Porque quando a gente é educador a gente tenta melhorar, faz o nosso melhor. Mas é muito estressante, as vezes eu paro pra pensar se vale a pena. Porque se o professor tá na sala, ele é responsável pela educação dos alunos, não posso dizer que é responsabilidade do pai, se a criança está na escola (Profa. Carol)

Por essa desmotivação a professora relata que nem sempre está disposta a conquistar os alunos e a despertar seu interesse em estudar. Já que seu trabalho é tão difícil, principalmente no 3º ano. Pois além de passar os conteúdos exigidos pela secretaria de educação, a professora tem que alfabetizar essas crianças e ainda discipliná-las a se comportar em sala de aula.

Caso 3 – O fracasso escolar como um problema genético familiar

Em uma das escolas pesquisadas, a presença do discurso médico se fez uma constante. De acordo com a professora, seus alunos apresentam fracasso escolar em função de uma disfunção orgânica ou, em alguns casos, de situações herdadas dos pais pelos filhos. Municiada do saber médico, a professora começou por tentar encontrar as causas orgânicas do fracasso escolar, discutindo-o a partir da noção de disfunção cerebral mínima¹, o que gerou um excesso de medicalização das queixas escolares.

Medicalizar o fracasso escolar é interpretar o desempenho escolar que contraria aquilo que a instituição espera dele em termos de comportamento ou de rendimento como sintoma de uma doença localizada no indivíduo, cujas causas devem ser diagnosticadas. (ZUCOLOTO, 2007, p. 137)

Dessa forma, a medicalização põe em questão relações entre distúrbios físicos e psicológicos, uma vez que a psicologia escolar tradicional ainda explica o fracasso escolar pela via da

1 Compreende-se que são certos problemas de aprendizagem ou de comportamento associados a desvios das funções do sistema nervoso central, este problema pode surgir por causa de inúmeros fatores: variações genéticas, irregularidades bioquímicas, traumatismo de parto, doenças, acidentes acontecidos no início do processo etc.

medicalização, de uma forma generalizada, na qual um rendimento não satisfatório dos alunos no ambiente escolar é encarado como uma disfunção orgânica. (*id.*, 2007).

Talvez o maior mito existente até hoje, segundo Moysés (2011, p.30) seja a “crença de que questões de saúde são responsáveis pelo menos em parte, pelo fracasso escolar. Há uma associação destes dois problemas nas mais diversas áreas da educação, contudo as causas médicas do fracasso escolar não existem”. Nesta perspectiva, a medicina não influi nas questões educacionais. É claro, no entanto, que algumas doenças podem sim afetar a frequência dos alunos à escola e conseqüentemente comprometer a aprendizagem.

No discurso da professora, verifica-se uma adesão acrítica à tal saber sem que ela leve em consideração que não são as causas exclusivamente médicas que ditam o fracasso escolar, a doença e o mau desempenho na escola não são fatos necessariamente interligados. Para ela, “os alunos padecem de uma condição congênita que as leva a fracassar na escola [...]” e, diante disso “não há muito o que fazer, pois muitas dessas famílias apresentam déficits cognitivos em função de problemas orgânicos”. Nesses casos, a professora defende o envio desses alunos para a educação especial tendo em vista a impossibilidade desses alunos em acompanhar a turma.

Caso 4 - A redução do fracasso escolar através da prática docente: Professora Esterfania

A terceira escola participante desta pesquisa é de ensino estadual e oferta turmas do 3º ao 9º ano do Ensino fundamental, com o IDEB de 5,4. Esta escola funciona no turno manhã e tarde, ofertando a modalidade EJA (Educação de Jovens e Adultos) no período noturno.

Foi direcionada à pesquisadora a professora Esterfania, que ministra aulas ao 3º ano e que atua há 25 anos como professora, trabalhando na escola pesquisada há 6 anos. Sua sala de aula conta com 20 alunos matriculados e a professora afirma que sempre gostou de 3º ano e por gostar muito de crianças a escola lhe direciona estas turmas.

Ao longo das observações feitas em sala de aula, constatou-se que apesar das dificuldades de leitura e escrita os alunos apresentam-se bastante interessadas na aula e ansiosos na espera das atividades que a professora propõe. Nas aulas a professora Esterfania mostra-se ser bastante brincalhona, atraindo as risadas dos alunos nos momentos de leitura em que ela interpreta os textos criando vozes de acordo com cada personagem. A professora circula pela sala de carteira em carteira tirando as dúvidas dos alunos e os elogiando, caso tenham respondido as questões corretamente.

Durante a entrevista, a professora aponta alguns agentes que acredita estarem vinculados ao fracasso escolar: o despreparo do professor, o descaso da família e do sistema. “A família as vezes não demonstra muito interesse. A gente fica chateado, fica triste... Mas isso não é motivo para o professor desistir da criança. A gente tem que fazer o papel da gente. E tentar fazer da melhor maneira. É a nossa responsabilidade” (Profa. Esterfania).

Diante da falta de apoio da família, a professora Esterfania relata que a melhor maneira de resolver esse problema é incentivar as crianças. Ela diz que um bom desempenho de sua prática sempre surtirá efeito. Mesmo, que o professor não alcance 100% da turma, mas sempre vale à pena lutar pelos alunos.

Ela relata que em muitos casos o professor se sente despreparado e sem auxílio do sistema, ou seja, precisa de mais material didático, de estrutura adequada na escola e de alguém para ouvir suas queixas. A professora expõe a necessidade de um psicólogo na escola que venha ouvir professores e alunos. E por não ter esse apoio profissional muitas vezes o professor se sente sozinho.

Apesar dessas dificuldades, a professora afirma que tenta utilizar da melhor maneira o pouco material que tem. Uma de suas estratégias é a aula na biblioteca ou o campeonato de

O DISCURSO SOBRE O FRACASSO ESCOLAR ENTRE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA: ENTRE A IMPOTÊNCIA E A IMPOSSIBILIDADE

leitura que ela desenvolve com a turma semanalmente.

Com a ajuda dos alunos que já sabem ler e escrever, a professora vai formando duplas em toda a sala. Ela afirma que esta é uma possibilidade de desenvolvimento da leitura desses alunos, pois as duplas aprendem juntas e se desenvolvem constantemente.

O professor sozinho na sala torna difícil acompanhar todos... Por isso eu tento utilizar meus próprios alunos através do campeonato de leitura, pra ver se eles se interessam. Pra despertar a motivação neles. É como se eu tivesse vários auxiliares na sala, porque os alunos que já sabem ler auxiliam os que não sabem e juntos eles conseguem aprender melhor (Profa. Esterfania)

Estas atividades desenvolvidas na sala de aula, além de promover a inclusão, torna a aprendizagem mais produtiva. A professora afirma que muitas habilidades foram desenvolvidas através da leitura e estudo em dupla, pois muitos alunos tinham dificuldade na escrita e organização do caderno.

A professora continua seu diálogo afirmando que o desejo pela mudança deva começar pelo professor...

O professor precisa ter boa vontade. Tentar despertar o interesse no nosso aluno. Eu acho que até um elogio já ajuda a criança. O professor precisa fazer mais pelo aluno, acompanhar o aluno mais próximo. A gente não pode desistir dessa turminha, esse é o papel do educador. A gente precisa trazer um atrativo...E até mesmo trazer uma variedade de livros pra esses alunos, a gente faz brincadeiras pra não deixar a aula cansativa e monótona. Eu gosto que eles me vejam como uma professora engraçada, pra gente cativar os alunos, pra não deixar a aula muito autoritária (Profa. Esterfania).

A professora afirma à pesquisadora que gosta de ser vista pelos alunos como a professora “palhaça” que está sempre brincando com alguém. Que dessa forma a aula não fica monótona atraindo a atenção de seus alunos. Pois se esses alunos não são acompanhados em casa, ela tenta fazer da escola e da sala de aula um local que venha suprir as dificuldades existentes na criança, buscando motivá-los, pois de certa forma os pais já “desistiram” de incentivar seus estudos, mediante a falta de acompanhamento. “Talvez o professor tenha que mudar seu método de trabalho. Ele precisa trazer um atrativo pra criança... Rever sua prática pra que não fique uma aula muito monótona” (Profa. Esterfania).

Esse é um dos motivos que a professora acredita que o sistema deveria dar mais apoio ao professor, lhe disponibilizando recursos diversos e atrativos para serem utilizados em sala de aula. Porém, se falta apoio do governo o professor não deve se esquivar de sua função. A professora diz que apesar dos poucos recursos sempre tem buscado inovar sua aula buscando atrair o interesse dos seus alunos.

REFLETIR, DISCUTIR, REPENSAR A PRÁTICA DOCENTE: O QUE CONSIDERAR DIANTE DESSES FATOS?

Diante dos resultados obtidos, as professoras apresentam algumas queixas em comum. No caso 01 e 02 as entrevistas apontam que as professoras se acobertam em discursos que indiquem à família ou ao Estado a responsabilidade do fracasso escolar. Ao indicar a culpa ao “Outro”, as professoras, não assumem seu papel de enfrentar o fracasso escolar. Elas passam a acreditar que não a solução desta problemática não depende delas e sim da família ou Estado/sistema. Conforme exposto no quadro, a seguir, existe uma semelhança na fala das professoras, quanto à culpa do fracasso escolar.

QUADRO DE COMPARAÇÃO DOS CASOS

Professora:	Caso 01 Prof. Adriana	Caso 02 Prof. Carol	Caso 03 prof. Maria	Caso 04 Prof. Esterfania
Principais queixas	Falta de apoio da família; desmotivação do aluno.	Falta de apoio/ investimento do Governo; profissão docente ser diferente em relação ao que é relatado no curso de pedagogia.	Dificuldades no desenvolvimento cognitivo dos alunos	Estado e família não colaboram para a redução do fracasso escolar.
Estratégias utilizadas na sala de aula para a redução do fracasso escolar	Aulas monótonas sem acompanhamento dos alunos ditos “fracassados”.	Aplicou provas com níveis mais fáceis, acredita que para a redução do fracasso escolar é necessária mudança no modelo de ensino do Estado.	Avaliação pedagógica do nível de leitura e capacidade de cálculo dos alunos vistos como fracassados.	Leitura compartilhada em duplas, campeonatos de incentivo à leitura e escrita, premiação para os alunos que logram êxito.
Resultado da estratégia	Desmotivação docente e discente; alunos excluídos e tristes em relação a sua situação educacional.	Alvorço entre as crianças por acreditarem que a professora “privilegiava” os alunos com dificuldades. Alunos fracassados excluídos da turma.	Desinteresse dos alunos em relação às aulas; agitação dos alunos.	Inclusão dos alunos com dificuldade em leitura e escrita.

Analisando os 4 casos apresentados acima, encontra-se, principalmente no primeiro e segundo caso, o sentimento de angústia em relação à profissão docente. As ações das professoras podem interferir diretamente nos alunos. Franco & Albuquerque (2010) p.187 declaram que, “No entanto, a relação entre professor e aluno é afetada não apenas pelos sentimentos e expectativas do aluno, mas também pelas ações do professor.” Estas ações refletem diariamente o professor em sua prática, positivamente ou negativamente. Ao refletir negativamente essas ações podem gerar uma prática negligente, que pode propiciar e incentivar a permanência do fracasso escolar.

Ao se deparar com as dificuldades de seus alunos, as professoras admitem se deixar influenciar pelo desânimo ao perceber que seu trabalho não tem continuação fora da escola. Pôde ser visto que as professoras se eximem de sua responsabilidade, culpabilizando ora a família, ora o estado. Decorrente dessa crença de “trabalho em vão” as professoras Adriana e Carol descuidam-se de promover ações que resgatem esses alunos.

No decorrer do caso 01 encontra-se no discurso da professora a ênfase de sua afirmação sobre a família auxiliar na permanência do fracasso na escola. É de nosso conhecimento o importante papel que tem a família na construção do conhecimento da criança

A família prevalece na primeira educação, na repressão dos instintos, na aquisição da língua chamada materna. Ela preside os processos fundamentais do desenvolvimento psíquico e transmite estruturas de comportamento e de representação cujo jogo ultrapassa os limites da consciência (COUTO; SANTIAGO, 2007, p. 05).

Mas o que queremos destacar é a utilização da família como justificativa da ausência de estratégias que reduzam o fracasso na escola. Ou seja, a ausência da tomada de decisão do professor, ao presumir que sua prática não surtirá efeito sem o acompanhamento da família.

O DISCURSO SOBRE O FRACASSO ESCOLAR ENTRE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA: ENTRE A IMPOTÊNCIA E A IMPOSSIBILIDADE

Ao analisar o caso 02 nota-se que a professora não indica somente a família, mas aponta o modelo educacional proposto pelo município como “falho”. Pois em sua perspectiva se a escola reprovasse o aluno que não aprende, a família recriaria a reprovação e retornaria seus esforços na educação desses alunos.

No caso 03, da mesma forma, a professora encontra no discurso médico uma forma de se defender da angústia frente ao mal-estar causado por seus alunos que parecem insistir em não aprender. O amparo do discurso médico serve como uma forma de não-implicação em práticas e mudanças de posicionamento em relação aos alunos ditos fracassados.

No caso 04 existe uma diferença em relação aos discursos e práticas das professoras anteriores. A professora Esterfania acredita que para a redução do fracasso escolar é necessário que a família participe ativamente na educação de seus filhos, que o estado venha valorizar a educação pública, garantindo aos professores e alunos melhorias educacionais e que o professor modifique sua prática, atendendo às necessidades das crianças. A professora acredita que as dificuldades enfrentadas devem servir como estímulo – conforme afirma Cohen (2007) “A crise existe, e através dela é possível fazer mudanças” (p. 65) –, por entender que em sua profissão, o professor tem de se empenhar cada vez mais para garantir uma educação de qualidade a seus alunos. Isso é notável ao encontrar uma boa relação entre os alunos e a professora. Para tal, a professora busca estratégias (ainda que não supram total dificuldade) que motivem seus alunos a leitura e escrita, de forma que atenuem suas dificuldades.

Conforme fora dito anteriormente, as práticas das professoras em relação ao impossível da educação, caracterizam e se manifestam diariamente em suas ações e em seu discurso. No relato da professora Adriana (caso 01), pode ser encontrado a presença da impotência que se instaura frente às dificuldades. Diante das incertezas, a professora não sabe o que fazer e a impotência aparece, trazendo o questionamento ao sujeito “diante disso, não sei o que fazer”, ou “diante disto, nada adianta”.

A gente se pergunta “o quê que eu estou fazendo aqui?” Porque não está servindo... O que acontece é que a gente faz de tudo, mas não tem a contrapartida da família. Eu estou nessa escola há 6 anos e eu ainda não tinha assumido uma turma assim, e está complicado. Quanto mais tempo a gente tem de experiência a gente pensa que já viu de tudo. Mas, pelo contrário, a gente tem certas surpresas que são até chatas (Profa. Adriana).

A impotência se caracteriza na ação, o “não saber o que fazer” e posteriormente o “não fazer nada”, que se define frente ao discurso de “não posso fazer nada, o Outro é responsável por isso”.

Porque a gente faz um planejando, imagina que vai funcionar de algum sentido e vê que não tem rendimento. Só eu enquanto professor que tenho que me esforçar? E eu sei que tem vários fatores pra que o fracasso escolar aconteça... e é difícil porque você senta com a criança pra fazer uma leitura e ela diz: “Professora mas ninguém faz a leitura comigo na minha casa, como é que eu vou fazer aqui só?” Ai tu fica até sem saber como é que vai ficar botando aquilo todo dia na cabeça da criança, porque tu vai ser vista como uma professora altamente chata. As vezes ele pensa, lá vem a professora que só pensa em leitura (Profa. Adriana).

O discurso de insuficiência ao não saber o que fazer, caracteriza a impossibilidade como aquilo que causa angústia no sujeito. Reafirmando a palavra de Pereira (2013), o professor de fato vive uma realidade de angústia. “Mas é tanta coisa pra um professor sozinho resolver em sala de aula. E mesmo que eu queira eu não vou conseguir resolver tudo sozinho. Eu me sinto triste com isso. E eu sei que isso termina prejudicando eles de algum jeito. (Profa. Carol).

Frente às dificuldades – os impossíveis da educação – que surgem no decorrer da prática destacamos três aspectos: 1. Nos dois primeiros casos, aquilo que o discurso produz, ou que detém diante do impossível aparece como a impotência. Diante do impossível as professoras se paralisam em sua impotência; 2. O modo de reagir frente ao impossível da professora no terceiro caso ocasiona na mudança de prática. A decisão, o “fazer algo”, afim de propiciar a aprendizagem; 3. O impossível de suportar é subjetivo. Não há como prever o comportamento de cada sujeito diante do encontro com o traumático.

Cabe destacar, também, em nosso estudo a existência de práticas de inclusão no discurso e nas práticas das professoras. A inclusão desses alunos rotulados torna-se um papel de suma importância a ser assumido no dia a dia escolar. Ao observar os casos 01 e 02, os alunos com dificuldade são por muitas vezes desvalorizados pelas professoras que insistem em acreditar que incentivá-los é em vão. E dentro da sala de aula a inclusão torna-se improvável, através de atitudes que destacam as dificuldades dos alunos com fracasso escolar, marcando a sala de aula como um território que rotula e segrega.

As professoras 01 e 02 asseguram que a inclusão é difícil por ter que trabalhar alunos que ainda não tem as habilidades de leitura e escrita. Que em muitas vezes apenas alguns alunos participam das aulas, e outros nem conseguem acompanhar uma leitura. Porém, podemos concluir que o trabalho educativo tem seu caráter “difícil”, mas este não deve servir de empecilho na conquista da qualificação da aprendizagem dos alunos.

Ao se deparar com dificuldades no cotidiano escolar a professora Esterfania inclui dentro de sua prática a participação dos alunos através de atividades que estimulem o trabalho em grupo e a troca de experiências como estratégia de inclusão. Ao analisar este caso pode-se destacar o fato da professora sustentar sua posição como mestre e isso faz com que ela lance mão da autoridade epistêmica para poder manter o desejo da turma.

Diante dos resultados, verificou-se que existe uma maior preocupação em encontrar o agente produtor do fracasso do que em solucioná-lo. Os professores utilizam do descaso da família ou do Estado para culpar o “outro”, refletindo em uma prática docente bastante insatisfatória ao real que sua prática deveria seguir. Tal atitude gera a exclusão de muitos alunos da escola e a exclusão de alunos que ainda permanecem nela, o que poderia ser chamado de exclusão dos incluídos no processo educacional, tendo em vista que esta exclusão de incluídos (ou segregação) propicia o aumento do sentimento de insegurança que os alunos denominados de fracassados têm de si próprio.

CONCLUSÃO

O presente artigo é o resultado de uma investigação sobre as *estratégias de enfrentamento do fracasso escolar pelos professores das escolas públicas de Teresina*. Esta investigação centrou-se em uma pesquisa em torno das formas de enfrentamento do fracasso escolar pelos professores das escolas públicas de Teresina. Pretendeu investigar junto aos professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental, os modos de enfrentamento do fracasso escolar e, ainda, tratou de pesquisar quais os discursos circulantes na escola acerca dos modos de se enfrentar a referida temática bem como verificar os recursos pedagógicos e do campo das ciências que são utilizados tanto por professores quanto pela equipe pedagógica das escolas.

Conforme apresentado neste artigo, o fracasso escolar é um fenômeno importante para investigação no tempo atual, constituindo-se na perspectiva da ação dos professores como um desafio a ser enfrentado pela escola pública. Os avanços alcançados pela educação nos últimos anos são importantes, no entanto, ainda existe dificuldade entre os professores para reduzir o

O DISCURSO SOBRE O FRACASSO ESCOLAR ENTRE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA: ENTRE A IMPOTÊNCIA E A IMPOSSIBILIDADE

fracasso na escola, ocasionando a permanência desse sintoma que assume presença no processo de educação na contemporaneidade e como demonstrado nesta pesquisa é uma problemática recorrente que precisa ser enfrentada.

Abordar esta temática torna-se importante por se referir a uma realidade vivenciada no ambiente escolar, que cada vez mais vem marcando o processo educacional de alunos que carregam o peso da rotulação de fracassado. Para compreender esse processo, além de encontrar seu agente causador, é importante definir os mecanismos que os professores utilizam com essas crianças no dia a dia em sala de aula e o que eles (corpo docente) têm feito para mudar essa realidade. Por esse motivo compreende-se que a investigação dos discursos de professores a respeito do modo de enfrentar essa problemática é de suma importância para alcançar a redução do fracasso na escola.

Diante das investigações, as professoras apresentam-se despreparados e angustiados ao lidar com a referida temática. Porém, esse é um caminho que deve ser percorrido para a qualificação do ensino, possibilitando a redução do fracasso escolar. É possível averiguar que as professoras não sabem lidar com o fracasso escolar e que, cotidianamente, negligenciam a presença do aluno dito fracassado e as habilidades que, através de sua efetiva inclusão, poderiam ser desenvolvidas em sala de aula. Com os dados obtidos, verificou-se que diante da complexidade que é o ato educativo, ao encontrar-se com o impossível – seja o ato de educar ou o próprio fracasso escolar – os professores reagem de modos distintos. Enquanto aparece a impotência de um lado aparece com o discurso de “não saber o que fazer”, do outro lado o professor utiliza o impossível como estímulo para reagir e mudar sua prática. Desse modo, o impossível nos apresenta sua singularidade.

Pode-se ressaltar que as estratégias de enfrentamento do fracasso escolar pelos professores, em prevalência, não priorizam a redução do fracasso escolar. Os professores têm isentado sua responsabilidade na produção do fracasso na escola, na crença que nada podem fazer pois não tem apoio do estado e nem da família. Suas ações acentuam desinteresse profissional, encontrando auxílio em seus discursos de impotência frente ao desamparo dos âmbitos responsáveis pela educação. O que fazer diante disso?

No decorrer deste estudo apresentamos situações em que os professores não apresentam mecanismos para a redução do fracasso escolar. Sua prática está focada em culpabilizar o “outro”, seja família ou Estado. A dinâmica destas relações entre professor, família e aluno mantém o peso da rotulação na criança, que cada vez mais se sente excluída na escola. Entretanto, novas pesquisas deverão ser feitas no sentido de tentar mapear os impasses dos professores frente ao fracasso escolar e, mesmo naqueles casos em que os professores veem dificuldades no campo do ensino, tais professores permanecem insistindo em sua empreitada educacional. Diante do impossível, esses professores conseguem sustentar seu desejo de ensinar, não sucumbindo à impotência. Nesse caso, o que se sabe é que esses professores não se deixam paralisar pela angústia frente ao ato de educar; muito antes, pelo contrário, a angústia torna uma mola propulsora que os mantém na trilha do desejo.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, E. de S. **A construção do fracasso escolar**. In: _____. As relações interpessoais entre professores e alunos mediando histórias de fracasso escolar: um estudo do cotidiano de uma sala de aula. 2007. 142f. Dissertação (Mestrado em Educação) UFPI. Teresina, PI. 2007. Cap. 1, p. 18-40. Disponível em: < http://leg.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/dissertacao/2007/relacoes_interpessoais.pdf >. Acesso em: 23 fev. 2017.

ASBAHR, F. da S.; LOPES, J. S. **“A culpa é sua”**. Psicol. USP [online]. vol.17, n.1, p. 53-73, 2006. Disponível em:< http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642006000100005&lang=pt> . Acesso em: 25 fev. 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. . Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Índice de Desenvolvimento da Educação Básica – Ideb. Disponível em:< <http://ideb.inep.gov.br/resultado/resultado/resultadoBrasil.seam?cid=9031313>>. Acesso em: 03 maio 2017.

COHEN, R. H. P. **O traumático encontro com os outros da educação**: a família, a escola e o Estado. Belo Horizonte: Psicol. rev, p. 256-269, 2004.

COHEN, R. H.P. **Do universal ao singular**: um tratamento possível do fracasso escolar. Revista Estilos da Clínica, Vol. XII, no 23, 56-67, 2007. Disponível em:< <http://www.revistas.usp.br/estic/article/view/68505>>. Acesso em: 05 maio 2017.

COUTO, M. P.; SANTIAGO, A. L. **Família e fracasso escolar**. Revista Eletrônica do Núcleo Sephora. Rio de Janeiro. Vol. 2, n.4, 2007. Disponível em:< http://www.isepol.com/asephallus/numero_04/pdf/artigo_04.pdf>. Acesso em: 05 maio 2017.

FRANCO, V.; ALBUQUERQUE, C. **Contributos da psicanálise para a educação e para a relação professor – aluno**. Centro de Estudos em Educação, Tecnologias e Saúde, p. 173-200, 2010.

FRANKE, D; SILVA, J.C. da. **Da escuta à escrita**: a construção do caso clínico em psicanálise. Psicanálise & Barroco em revista v.10, n.2: 42-61, dez.2012. Disponível em: <http://132.248.9.34/hevila/Psicanalise&barrocoemrevista/2012/vol10/no2/2.pdf>. Acesso em: 05 de maio 2017.

FUNDAÇÃO LEMANN E MERITT, 2012. Disponível em:< <http://www.qedu.org.br>>. Acesso em: 07 de maio 2017.

KANT, Immanuel. **Sobre a pedagogia**. 2. ed. Piracicaba: Editora Unimep, 1999.

KAUARK, F.; MANHÃES, F.C.; MEDEIROS, C.H. **Metodologia da pesquisa**: guia prático. Itabuna: Ed.Via Litterarum, 2010.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MALUF, M. R.; BARDELLI, C. **As causas do fracasso escolar na perspectiva de professoras e alunos de uma escola de primeiro grau**. Psicologia: Teoria e Pesquisa, 7, 263-270, 1991.

MIRANDA, C. E. S. **Discursos sobre o fracasso escolar**: identificação, saberes e práticas de inclusão. Projeto de Pesquisa, UFPI. Teresina, PI. 2015.

SIRINO, M. de F.; CUNHA, B. B. B. **Repensando o fracasso escolar**: reflexões a partir do discurso do aluno. ANPED-GT13-Educação Fundamental, 2002.

**O DISCURSO SOBRE O FRACASSO ESCOLAR ENTRE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA:
ENTRE A IMPOTÊNCIA E A IMPOSSIBILIDADE**

PEREIRA, M. R. **Os profissionais do impossível**. Educ. Real. [online], vol.38, n.2, pp.485-499, 2013.

ZANETTI, S. A. S.; KUPFER, M. C. M. **O relato de casos clínicos em psicanálise**: um estudo comparativo. Estilos clin., São Paulo , v. 11, n. 21, p. 170-185, dez. 2006 . Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282006000200011&lng=pt&nrm=iso . Acesso em: 05 maio 2017.